

José Parreira

Cantos, Musicas e Danças

ESCORÇO

(Para o Congresso Regional Algarvio)

Composto e impresso na Typographia da

«GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO»

Trindade, 48, 1.^a—LISBOA

Secção

Reuni-
ões

N.^o

40

LIVRARIA SIMÕES
ALFARRABISTA
COMPRA DE LIVROS E
BIBLIOTECAS

Tel 26618/25825
8000 FARO



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n. 290

Cota n.º 5-3

José Parreira

Cantos, Musicas e Danças

ESCORÇO

Secção de *Reuniões*

COTA *40*

ENTRADA

CAIXA N.º

(Para o Congresso Regional Algarvio)

Composto e impresso na Typographia da

«GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO»

Rua Nova da Trindade, 48, 1.º—LISBOA

O homem que em si não tem musica, ou que não fór comovido pela harmonia dos sons, está apto para as traições, para os estratagemas e para os latrocínios. Os movimentos do seu espirito são surdos como a noite e as suas affeições tenebrosas como o Erebo. Não vos deveis confiar nunca a um tal homem.

SHAKESPEARE

(Explicação pleonastica do citadór: Erebo, do grego «erebos» a obscuridade, filha do Chaos e da Noite, metamorphoseada em rio e precipitada nos Infernos, por haver soccorrido os Titans (mythologia). Era a parte mais tenebrosa do Inferno, para os antigos, se não mesmo todos os infernos).



A indole dos congressos regionaes—que tantos serviços podem prestar, na sua orientação de protecçionismo local, incidindo sobre o interesse generico, de chamariz e convergencia para o aproveitamento e exposiçào arrasoada de tudo o que nos trechos possa haver de bello e util para o conjuncto — não comporta o largo desenvolvimento d'uma ideia, depois d'ella annunciada, tanto mais quando ella fôr d'estas que apenas expostas como que logo obteem o applauso unanime.

Tal é o meu caso. O assumpto que na distribuição das theses me coube de apresentar, em simples rascunho, ao esclarecido criterio e á justa apreciaçào dos congressistas algarvios: *Cantos, musicas e danças*.

Sem que á minha competencia fosse, juntando se á carencia de tempo, de molde a tratar, mesmo ligeiramente, a materia na sua forma didactica, não me recusei pelo simples motivo de me parecer que a sua complexidade podia, para o effeito, traduzir-se n'um comezinho enunciado que por estar na mente de todos, com todos se poderia contar para, sem delongas, ser tido como realisavel e digno de ser realizado.

Alheio da realidade anda quem pensa que as theses dos congressos regionaes são pretexto ou podem dar margem a folhudas dissertaçõeas academicas, ou sabio emmaranhado em festào litterario, pretendendo equivaler ao livro appropriado ao estudo, a compulsar e a meditar. Não!

Estes congressos nem são academias, nem parlamentos, nem mesmo associaçõeas de vastos fins e desejos. Não! A alguns simi-ares já me foi agradavel — nos pacificos tempos de hontem —

de assistir no estrangeiro. São sympathicas reuniões de *touristes* nas quaes o que é preciso é que elles apontem na sua carteira, fixem na sua apressada memoria uma nota a reter, uma impressão a propagar, uma consideração a espalhar nas conversações futuras, a inculcar nos que não estiveram — emfim, um *reclamo*, não no mercantil significado termo, mas no que elle tem de elevado perante o que é necessario saber-se e contar...

N'esta ordem de ideias, estando certo que os congressistas manifestam accordo com o relator, se deixará dito que tambem sob o ponto de vista da melodia e da choreographia o Algarve merece ser citado e registo deixa, tanto para o pictoresco como para o interessante, n'esse capitulo.

* * *

Creio ter sido Musset que disse que «o canto para os Italianos cahira do céu e para os Francezes lhes viera de Italia!» Nesta linda e poetica maneira de traduzir, essencialmente, a influencia do meio, ha tanto de alta verdade como de profundo conhecimento psychologico.

A paizagem falla á alma e falla ao espirito, creando n'elle como que um instrumento, que alheiadamente desferirá as notas tristes ou alegres, melancolicas ou joviaes: cahidas do céu, vindas das almas que em nossa alma fallam.

Que bellos cantos que nos campos algarvios se ouvem! Que toadas! A musica simples, cheia de singella e de despreoccupada arte, mas dizendo muito mais que, ás vezes, as preoccupadas lucubrações dos amaneirados compositores. E' a ternura do céu passando para a ternura da voz; é a tepidez do ar temperando o coração; é o mar infinitamente azul alongando o sonho, n'um rasto de tristeza que até á vista se esfuma...

O canto no sul é como esse sul. Descamisando o milho, encaixando o figo, colhendo as uvas ou apanhando a alfarroba, a rapariga do campo canta, não para espantar seus males, mas porque reflecte nas cambiantes do seu sentimento o que n'elle incute o mundo exterior. Fazei por as ouvir! A phantasia e o poetico!

N'um romance de Daudet, se a memoria me não engana (e comprovar não posso, pois estes apontamentos são escriptos á mesa d'uma aldeia, como artigo jornalístico a imprimir, sem o sossego do gabinete) romance que se passa no Meio-Dia, espantando-se uma delicada Parisiense com um canto d'um labreguito, e desejando saber quem lh'o ensinara e onde apprendera, obtem a seguinte resposta, que vale um compendio d'esthetica: *foi ouvindo cantar um rouxinol!*

A musica regional algarvia tem muito d'isso. E' ouvindo as varzeas; é vivendo n'uma orgia de luz e côres, é no sussurro das merencorias ribeiras ou do doirado e dolente mar que os improvisadores cantores apprendem:

Eu sou viuvinha
Da banda d'além,
Quero casar,
Não tenho com quem.

Minha viuvinha,
Do meu coração,
Casada sim, sim.
Viuva não, não.

Nem contigo,
Nem contigo,
Só contigo,
Que és meu bem.

Quem não quizer ver mulher
Em outros braços rendida
Não a deixe um só momento,
Por toda a parte a persiga.

.....

Mas coitadinha d'aquella
Que cae em boccas do mundo,
Que é como uma barca sem leme,
Que se anaga, e vae ao fundo!

Mesmo que musica aqui fosse posta, ella por certo só accrescentava banalidades á apparente banalidade dos trechos citados. E tudo porém, está n'um pequenino nada. E esse nada, por seu turno, transforma-se em tudo pela varinha de condão de quem o faz sahir, como bolas iriadas de sabão. . . Ouvida por esses sitios, lettra e musica se embellezam e rescendem outros encantos especiaes e de attractivo.

Musicos são os Algarvios, isto é, dão rythmo, emprestam facilmente sonoridade accentuada ao que articulam. Isso se notará prestando attenção quando elles fallam, muito embora — ao contrario do que a ignara maioria proclama — não sejam dos mais loquazes. O colorido e o brilhantismo de certos momentos passaram para o conceito geral como qualidades quantitativas.

A lenda do maritimo de Olhão respondendo a D. João VI que guardasse *em certa parte* a moeda que lhe promettera para elle estar calado, significa, talvez, antes o altanarismo d'uma independencia que nada a prende do que, na verdade, a cachoeira que nenhuma coisa detem.

Até nas imprecações, elles como que lhe dão entonos e onomatopeias!

Valha-te S. Borundum
Que mejava azeite
E fazia atum.

Tantas e tantas outras!

Longe nos levaria esta senda e para lastimar é que tantos e tantos, que a variados assumptos consagram o seu tempo, para este nunca olhassem com certa sympathia.

Ha annos duas philarmonicas que vieram a Lisboa e tocaram na Avenida, a principio recebidas com aquelle desprezo que caracteriza os citadinos, obtiveram depois um exito enorme, conquistado. E na atmospherá algarvia os sons como que compartilham das bellezas do *ar envolvente*.

Não será este o momento de deplorar que o caso não tenha merecido attenção, mas sim para frisar que lh'a devem drestar.



Se no romanceiro algarvio—numeroso, variado e interessantissimo—existe ainda um filão enorme a indicar aos cultivadores e aos que julgam que só em extranhos brotam mananciaes, os ditos exóticos, as graças amorosas, as lendas mais tentadoras resaltam nas musicas e cantos algarvios e muito haveria a aproveitar n'ellas. Até Bocacio alguma coisa encontraria para o seu *Decameron*, principalmente ditos e contos no genero dos mais picantes do poeta italiano...

Esse romanceiro! Tão difficil de se lhe encontrar o inicio na historia da litteratura patria como discriminar na sua alluvião o joio sem mistura de trigo. Antiga a sua poesia, a ponto do proprio marquez de Santilhana affirmar «que ninguem melhor do que o Portuguez poetou nas Hespanhas e que tanto a lingua como a sua poesia eram na côrte de Castella as mais recommendadas e bemquistas». Que se procurem as suas cantigas no livro que D. Afonso, o *Sabio*, compilou. Que riquissimas rapsodias existem ainda exclusivamente no abrigo da memoria popular. Depois que em 1851, Almeida Garrett — o grande, fino e culto escriptor — como que abruptamente publica o seu terceiro e ultimo *Romanceiro*, sô o devotado e emerito Algarvio, Estacio da Veiga, forneceu mais do que aos espiritos curiosos mas á admiração dos que sabem ler um repositorio do Sul onde se pode comprazer o meticuloso joeirador das lindas concepções. Quem nas monographias de Athayde, em Theophilo Braga, em Reis Damaso, em Leite de Vasconcellos, em Consiglieri Pedroso, no visconde de Benalcanfor, rebuscasse os curtos excerpts que por lá existem, um livro dos mais curiosos faria. Completando-o com a tradição oral, ainda inexgottavel, o trabalho redobraria de valor. Talvez o façam.

Como simples expressão do que deixo dito, em mero recorte, cortado, aqui porei dois excerpts: Um, d'um romance da epocha dos intrepidos mancebos que serviam na ala dos namorados, ou na ordem da Madre-Silva e que por seu mau destino foram

parar dos rincões do Algarve aos agarenos palmares. Em diversas povoações algarvias ainda hoje corre, com variantes, a rapsodia do *Paladim captivo*, que assim se poderá resumir:

Sendo em terras de moirama
 Surprehendido um paladim,
 Como escravo foi levado
 Ao nobre Miramolim,
 Tinha o rei moiro uma filha
 Bem mais alva que o jasmim
 Líndos eram seus olhos,
 O seu corpo mui gentil.

.....

Sobre as torres do castello
 Passa os dias té ao fim
 Para ver o pobre escravo
 Trabalhando no seu jardim.

.....

A princeza mais não póde
 Sua paixão comprimir;
 Quanto amor sente em seu peito
 Ao christão vae descobrir.

.....

—Eu não quero o vosso oiro,
 Nem quanto ha por ahí,
 Que do meu paiz, senhora,
 Ha-de elle chegar aqui.

.....

— Não quero os vossos amores,
 Nem as riquezas d'aqui,
 Que mais amor e riquezas
 Tenho eu no meu paiz.
 Mal haja a hora, mal haja;
 Em que eu para aqui vim!

.....

Ficade vós pois embora,
Que para vós não nasci.

Quando ella ouviu taes palavras,
Pensou vingar-se por si.
Ao cabo de sete dias,
Morto era o paladim;
Se foi traição da princeza,
Ainda se não sabe alli.

Esta xacara, da maior antiguidade, de relevo peculiar onde no emtanto se conceiteia, synthetizando não só a posição geographica algarvia como a volubilidade e o castigo que recebe quem não se contentar com a sua terra para sonhar: *O encarcerado*:

Lá onde se acaba a terra
E o mar de Hispanha chegara
Mil castellos em ruinas
Esse mar avassalara.

Em uma soberba torre
Que nas aguas se mirara
Enamorado captivo
Bem triste vida arrastara;
Não comia nem dormia
Dia e noite passseara.
Elle apenas alli tinha
Uma viola que levara
Lá por essa noite velha
Suas saudades cantara.
O mar seus cantos sumira
Que o céu não os escutara.

.....

Rota barca aventureira
Pela praia se rolara
Em uma noite que a lua
Incerta luz espalhara.

.....
 Em meio do mar, sózinho,
 Triste o captivo se achara,
 Sem saber o que fizera,
 Que o trabalho o fatigara.

.....
 Quem perdeu foi o captivo
 Que da prisão se soltara
 Para ver os seus amores,
 Que n'outra terra deixara!

*
 * *
 *

Deitar uma cantiga é ainda phrase correntissima do povo algarvio. Elle é menestrel, mas não se deixa influenciar pelos maneirismos modernos. Os seus idyllios rescendem à fragancia do seu campo e o seu estylo na singelleza se tempera. Ainda hoje quer vêr a sua zagala ingenua:

De chapelinho à malleza,
 Saia de lan recortada,

ou mesmo até:

Com seu borzeguim de seda
 E saia côr de limão.

Nos folguedos de S. João — caracteristico e lindo divertimento merecedor, desde as suas ornamentações, saltos e danças, até ao jogo das *cartilhas*, de se offerecer aos que saibam *ver as coisas*, por llas se influenciarem e d'ellas possam tirar effeitos — ainda para a maioria, á meia-noite, *apparece* sobre o terrado das muralhas desaparecidas uma formosa e gentil moira, requerendo d'amores um cavalheiro que possa quebrar o seu encantamento...

Em meio de tal folguedo
 Tados quedam sem fallar
 Olhos voltam ao castello
 Para ver, para avistar
 A linda moira encantada.
 Que era triste a suspirar.

.....
 Por fim ganha um bom castello
 Mas... sem moira para amar.

Quem no seu passado, no seu presente, não terá a sua *moira encantada!* A esses o Sul lhes dirá o melhor dos poemas, lhes cantará a melhor das musicas, que elevando-os ás regiões do espirito lhes fará esquecer quanto a vil materia é desprezível...

*
 * *
 *

Tambem o Algarve tem as suas danças regionaes, características e pictorescas. As danças são documentos de differenciação ethnica.

Nas *vigilias*, mesmo depois das canseiras d'um dia afadigado, quer no varejo quer na apanha da azeitona, os camponios, principalmente as mulheres, cantam e dançam. Mesmo nas *tulhas*, calcando o figo, por um processo ainda primitivo, a rapariguinha não deixa de cantar, e se no seu canto, não raro de cadencia triste ou pelo menos dando ao ouvido a nota de que a tristeza o impregna, ha perfume natural d'arte, nas danças se reconhecerá o enthusiasmo, o movimento — tentado estava de escrever, o esbrazear — d'um sol que fazendo refulgir de mil côres tudo o que banha, não queima as petalas brancas e rosadas das amendoeiras e doma as tormentas do mar...

Esse *baile de roda*, acompanhado de ditos eroticos, de graças amorosas, é, no seu rijo movimento, na sinuosidade caprichosa das suas linhas, nem mais nem menos do que um parente da *favadole* provençal! N'elles se reconhecerá o mesmo ensaiador: a batuta superior da Natureza, que ensina e dispõe do homem, mau grado elle na sua empofia sempre se julgar livre, desembaraçado

e até senhor do que ao desconhecido pertence, e de que elle apenas é um simples usufructuario, dirigido e mandado absolutamente pelo eterno proprietario...

Como o campo, como as aguas, esse baile algarvio faria a alegria dos aguarellistas e dos pintores. A *farandole* teve Bizet para no-la fazer sentir na sua rusticidade empolgante, rusticidade que no emtanto dá á *Arlésienne* um perfume de Coty. E se os pinceis lusitanos se teem alheiado, um pouco, das tentações do sul, tambem os maestros, depois da tentativa, ha annos, da *Moira de Silves*, nunca mais pensaram no que de lál hes sorri!.. Deixa-se passar tudo: passar o bello, perderem-se os costumes.

Quanto melhor não era, em vez de tanta e tanta coisa que para ahí fazem para a fama, que é o mesmo que entregar ao vento, que se creasse em cada provincia um museu regional, onde se conservasse piedosamente o vestigio do seu passado, reconstituindo-se a historia dos seus costumes, dos seus artistas, da sua arte popular, dos seus moveis etc. O Algarve basta materia tem: desde os seus primitivos barcos, passando pelos *biocos*, até aos vestigios architectonicos dos Phenicios. Milreu e Silves: os trajos camponios, as rendas bilradas de Lagos, o mobiliario local de Monchique etc., etc.

Mistral deu esse exemplo. Um dos encantos d'Arle é esse outro bello poema do grande poeta regional. Em França o teem imitado, e cá, que tanto de mau importamos, essa boa ideia seria para imitar.

*
* *
*

Platão, na sua Republica, receava os poetas malignos, como todos aquelles cujas obras não «dissem alguma coisa de util, alevantado, generoso». Queria artistas ou poetas de quem os trabalhos fossem taes que os mancebos da sua Republica «educados no meio d'elles, como n'um ar puro e são, recebessem sem cessar impressões salubres, e que, desde a infancia, tudo os levasse a imitar, a amar o bello, a estabelecer entre elle e elles um perfeito accordo. A musica será a parte principal da educação, para que o numero e a harmonia, insinuando-se cedo na alma, com elles n'ella fizessem entrar o bello, a graça, o amor, a ordem... De-

pois, formaremos tambem os rapazes pela gymnastica, no meu modo de ver uma gymnastica simples, moderada, tal que possa convir aos guerreiros principalmente. E nos exercicios do corpo, elles se proporão crescer e desenvolver a sua força moral, tanto como o seu vigor physico, differente dos athletas, que não visam, seguindo um regimen, que a tornarem-se só mais robustos.

«Convem, emfim, não nos dedicarmos nem muito à gymnastica, nem muito à musica, mas de as cultivarmos egualmente: e todo aquelle que encontrou o justo temperamento d'estas duas artes e as applica, como convem, à sua alma, merece bem mais o nome de musico, e possui melhor a sciencia dos accordes, do que aquelle que só sabe preparar e tocar as cordas d'um instrumento».

Tal era a educação que o celebre e *divino* philosopho entendia que o Estado devia dar aos cidadãos—o que era um dos erros da *Sua Republica*, pois o Estado não deve nunca ensinar. Isto se pregava em 430-347 a. de J. C. Hoje, falla-se muito d'arte e da poesia, como honrando um povo e contribuindo para a sua gloria e para os seus progressos. E' preciso, porém, saber-se de que litteratura e de que arte se trata. Tal arte e tal litteratura podem envenená-lo e serem a causa da sua decadencia e da sua morte.

Por isso, Platão distinguia justamente dois methodos de musica e essas duas maneiras se encontram em toda a arte, como em toda a poesia. Elle repellia entre as musicas a Lydia e a Jonica, chamadas «harmonias sem vigor» e recommendava o modo Dorico e o Phrygio «um forte que, revigora os sentimentos d'um homem de coração, quer para o combate, quando elle não teme os ferimentos e a morte, quer quando é assaltado pela Fortuna e reage fortemente e sem ceder ao peso dos seus golpes; o outro mais tranquillo, respondendo à acção pacifica, ao estado d'alma do sabio feliz».

Esta distincção do grande idealista ficou sempre por fazer, mas quem a fará? A' mingua do seu jardim, a forte e temerosa realidade leva tudo para a brenha terrivel. Mas como não reconhecer a barbaria profunda da nossa civilização altiva, quando de frente dos olhos se poserem essas linhas de Platão, esse sonho feito por elle para a educação atheniense!

Quasi só para esta citação fazer, eu julgo que compenso o leitor—se por acaso o tiver!—das pobres divagações que atraz deixo.



Em tudo isto, não prosegui o problema esthetico na phase que tencionava, e afastei-me até mais do que suppunha, do meu modesto fim. Cahi em censura. Embrenhei-me.

E' que para mim, certamente, o cumprimento d'um dever de congressista póde muito bem ser unicamente chamar a attenção, mesmo em desnecessarias digressões, para o que entendo não se descurar:

Em guisa de conclusão

Fazei por que o Algarve não se *desregionalize*. Em tudo, elle tem um caracter proprio e que merece ser apreciado e mantido.

Conserva a tua toada que te vem da Natureza; vella pela tua musica, que corda é dos instrumentos variados que em teu redor artistas naturaes te fabricam; não desprezes mesmo as tuas danças, mais quentes, mas d'um fino erotismo, que todas as lubricas, banaes e landanescas *mornas*...

N'este mundo, mal feito e mau, n'esta humanidade mediocre e muitas vezes indifferente, o esforço geral deve consistir em melhorar um pouco a sorte e o estado de inferioridade do homem. Isso se consegue fazendo obra d'arte. Nada é mais interessante. Todos o podem conseguir, pois que a obra d'arte não é mais do que uma obra de belleza, quer ella seja um acto de virtude, quer um acto de heroismo realizado, quer o do sacrificio pelo bem de todos na solução d'um problema social, quer até, simplesmente, pelo encanto, corporeo ou espirital, que fallé á vista ou fira a esthetica.

Que todos continuem, pois, a pugnar pelas bellezas do bello Algarve!

Lisboa — Bellas, 30 de agosto de 1915.

José Pereira.